

O MODERNISMO EM PORTUGAL- FERNANDO PESSOA-POESIA ORTÔNIMA

META

Apresentar a produção poética de Fernando Pessoa, ele mesmo, em suas diversas direções.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

ampliar os horizontes culturais a partir do conhecimento das produções literárias ortônimas de Fernando Pessoa;

reconhecer as características e traços peculiares de Fernando Pessoa, ele mesmo;

Distinguir as características gerais da estética modernista nas produções artístico-literárias;

compreender a poesia moderna em seu espaço e tempo histórico, inserida em sua cultura, como resultado das inquietações dos homens e da necessidade de inovar.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura das aulas sobre o Modernismo em Portugal;

informações sobre a Europa do início do século XX (invenções, desenvolvimento científico e tecnológico, lutas sociais, primeira guerra mundial, revolução comunista) e sobre a vida política portuguesa (proclamação da República, ressurgimento do espírito nacionalista e do saudosismo);

compreensão do papel central da geração de Orpheu, sobretudo de Fernando Pessoa, na cultura portuguesa do início do século XX.

INTRODUÇÃO

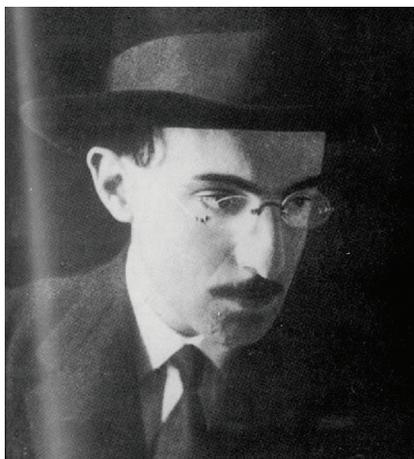
Caro aluno,

Na aula anterior tratamos sobre aspectos de modernidade em Fernando Pessoa. E por que tomamos Fernando Pessoa e não qualquer outro poeta do movimento Orpheu? Creio que por tudo o que Fernando Pessoa representa para o modernismo português. Sem dúvida, a efusão de "vida e oxigênio novos" na poesia por tuguesa modernista coube ao grande bardo. Como vimos na aula anterior, F. Pessoa evolui do Saudosismo para o Paulismo e daí para o Interseccionismo e o Sensacionismo, graças ao culto acentuado do vago, do sutil e do complexo, e à influência do Cubismo e Futurismo, dando-nos prova de sua desenvoltura, de sua magnitude como um poeta que não se acomoda, mas sempre busca novas formas de expressão.

Superada a fase inicial ainda um tanto indefinida, embora não de qualidade inferior às demais, o poeta procura dar uma direção autêntica a sua poesia, com a publicação de *Orpheu*. Daí em diante, ele só cresce, erigindo uma visão de mundo que sugere ordenar o caos a sua volta, imergindo no plano das relatividades, dispondo-se a compreender os seres e coisas. Segundo Moisés (1988, p. 242), “seu objetivo situa-se além: atingir, pela análise do real fragmentado, o nível de qualquer absoluto, ou seja, de verdades capazes de resistir à sua impressão de desmoronamento total, ou de superar a inconstância relativa de tudo.”

Espera-se, através desta aula, que vocês entendam o quanto Fernando Pessoa foi importante para o modernismo, não só para o português, mas para o universal, uma vez que sua poesia atinge o mundo e os homens do início do século XX, unindo-os por meio de suas angústias, ansiedades e expectativas comuns.

FERNANDO PESSOA (BIOGRAFIA)



Fernando Pessoa – 1914.

(Fonte: http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:216_2310-Fernando-Pessoa.jpg).

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, 13 de Junho de 1888 e morreu na mesma cidade em 30 de Novembro de 1935. É considerado um dos maiores poetas da Língua Portuguesa, e da Literatura Universal, muitas vezes comparado com Luís de Camões. O crítico literário Harold Bloom considerou a sua obra um "legado da língua portuguesa ao mundo".

Aos cinco anos ficou órfão de pai e dois anos depois, sua mãe se casou com um militar que atuava como cônsul em Durban, na África do Sul, para onde a família se mudaria. Por ter crescido na África do Sul, Pessoa aprendeu a língua inglesa, tendo recebido toda sua formação escolar segundo padrões britânicos. Retornou a Portugal apenas em 1905, onde se matriculou no Curso de Letras, abandonando-o logo depois. Ao longo da vida trabalhou em várias firmas como correspondente comercial. Foi também empresário, editor, crítico literário, ativista político, tradutor, jornalista, inventor, publicitário e publicista, ao mesmo tempo em que também produzia sua obra literária.

Na década de 1910 contribuiu com algumas revistas de cunho nacionalista, entrando ao mesmo tempo em contato com as correntes vanguardistas europeias. Como poeta, desdobrou-se em múltiplas personalidades, criando diversos heterônimos, objeto da maior parte dos estudos sobre sua vida e sua obra, constituindo o mais surpreendente fenômeno da obra de Fernando Pessoa, ou seja, segundo o próprio autor: “teremos um poeta que seja vários poetas”. Para ele, isto seria atingir o mais alto grau da escala poética. E a todos os heterônimos que criou deu nomes, caracteres físicos, traços da personalidade e, inclusive, escreveu suas biografias.

Pessoa cultivou tanto a poesia quanto a prosa (contos). Em vida, além de Mensagem (1934), publicou versos ingleses, reunidos nos *English Poems I, II e III* e alguma prosa. A maior parte de sua produção foi publicada em jornais da época ou manteve-se inédita. De suas *Obras Completas*, iniciadas em 1942, já existem diversos volumes: *Poesias de Fernando Pessoa* (1942), *Poesias de Álvaro de Campos* (1944), *Poemas de Alberto Caieiro* (1946), *Odes de Ricardo Reis* ((1946), *Poesias Inéditas* (1930-1935) *Quadras ao gosto popular* (1965), entre outros. Produziu, também, *Poemas Dramáticos* (1946), a exemplo do drama *O marinheiro*, além de ensaios sobre a arte e a crítica literária.

Fernando Pessoa morreu de cirrose hepática aos 47 anos, na cidade onde nasceu. Sua última frase foi escrita em Inglês: "*I don't know what tomorrow will bring...*" ("Não sei o que o amanhã trará").

FERNANDO PESSOA, “ELE MESMO”.

Como já foi visto na aula antecedente, Fernando Pessoa se dispersou em vários poetas, teve muitos heterônimos, por isso acrescentamos ao seu nome o “ele mesmo”, para dar a idéia de que falaremos da produção poética assinada com seu próprio nome.

Segundo Linhares Filho (1998, p. 15) “a obra de F. Pessoa, tanto o a ortônima (assinada com seu próprio nome) quanto a heterônima se apresentam como padrão de modernidade. As diversas personalidades de Pessoa, isoladas ou em seu conjunto, representam o homem e o mundo do século XX, época que viveu e presenciou tantas mudanças (político-sociais, científicas, tecnológicas) e até mesmo catástrofes (em nível mundial e no próprio país)”.

Sua poesia ortônima se inicia com uma fase vanguardista que chega ao auge com o lançamento da revista *Orpheu*. Ainda que procurasse o autor distanciar-se do Simbolismo, suas primeiras experiências em poesia são nitidamente pós-simbolistas: procuram captar o vago (o não-dito, o indefinível) através da expressão complexa e sutil de sensações. Há também a tentativa de promover a intersecção dos mundos subjetivo e objetivo, numa experiência de entrecruzar o interior e exterior do sujeito, como foi visto no interseccionismo.

Conforme Moisés (op. cit, p. 245),

[...] Fernando Pessoa usa sempre da inteligência com extrema severidade indagadora e analítica. Auxiliado por ela e pela intuição, aplica-se a investigar os dados de sua rica e invulgar sensibilidade, a fim de conhecê-los e fixá-los. Ao invés de apenas transmitir ou tentar transmitir, a emoção pura e simples [...] submete-a ao exame da inteligência ou da razão poética (para distinguir duma razão científica, filosófica, etc). Assim procedendo, Pessoa transforma a emoção antes estática em emoção-pensada, em pensamento-emoção, ou, ainda, surpreende a íntima identidade que existe entre as sensações e as ideias.

Traz ele em sua obra poética a dimensão do povo lusitano, explorando temas diversos, desde os que retomam a história dos grandes feitos portugueses que ousaram lançar-se às aventuras, aos perigos do mar, em busca de superarem-se, a exemplo do livro “*Mensagem*”, como de outros, saudosistas e nacionalistas, traços que coincidem com os do homem Fernando Pessoa. Didaticamente, sua poesia pode ser dividida em lírica e saudosista-nacionalista.

A lírica retoma alguns temas, ritmos e formas tradicionais do verso português, firmando-se em estrofes rimadas, em geral quadras ou quintilhas, com métrica tradicional (metros curtos ou o decassílabo) e um ritmo próprio, uma musicalidade envolvente, aproximando-se nesse aspecto a Camilo Pessanha. Sua poesia se detém em estados de espírito fugidios, como dizem Medina e outros (1994, p. 210) “como uma vaga saudade do que não houve nem há, um movimento de alma produzido pela audição casual de uma música, a perplexidade diante do enigma do eu...”.

Leiam e percebam o que foi dito nos poemas do autor:

Natal... Na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conservo
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
‘Stou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

(RODRIGUES ET AL, p.210)

No poema acima (sem título), Pessoa, por meio de inefável melancolia, transmite-nos o sentimento de um tradicional Natal em família, relacionado a um passado distante. Na segunda estrofe, ele contrasta a solidão com a “verdade da família”, e, num profundo pensamento-sentimento, traduz o devaneio da saudade. Na última estrofe, a aspiração quimérica de um lar ilusório (que nunca terei), cuja paisagem imaginária é “branca de graça”. Veja quanta emoção o poeta nos transmite, segundo ele uma “emoção intelectualizada”.

Observem agora o poema abaixo:

Tudo o que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.
Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúdica e rica,
E eu sou um mar de sargaço
Um mar onde bóiam lentos
Fragmentos de um mar de além...
Vontades ou pensamentos?
Não o sei e sei-o bem. (Cancioneiro)

O eu lírico se manifesta insatisfeito com o que faz ou com o que medita, pois o seu querer e o seu pensar são infinitos, mas nunca os realiza plenamente. Daí o seu pesar ao olhar o que faz ou inventa, porque, enquanto

tem alma brincalhona e criativa, que sente prazer no que faz e analisa, o seu interior é um “mar de sargaço”, ou seja, imenso, obscuro e indefinido.

Da obra lírica de Pessoa, a parte que mais se destaca, por sua autenticidade e pela memória lusitana é Cancioneiro. Nela, são explorados temas distintos como saudade, infância, solidão, vida, arte e se encontram atitudes como ceticismo, nostalgia, tédio. É evidente também a consciência do poeta em pertencer a uma tradição da poesia lírica, dando continuidade a Almeida Garret e Antônio Nobre.

Vejam os poemas a seguir:

Ela ia, tranqüila pastorinha
Pela estrada da minha imperfeição.
Segui-a como um gesto de perdão,
O seu rebanho, a saudade minha...

“Em longes terra há de ser rainha”
Um dia lhe disseram, mas em vão...
Seu vulto perde-se na escuridão...
Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,
E em terras longe do que eu hoje sinto
Será rainha não, mas só pastora –

Só sempre a mesma pastorinha a ir,
E eu serei teu regresso, esse indistinto
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

(O Eu profundo e outros Eus, p. 90-91)

PIERROT BÊBADO

Nas ruas da feira,
Da feira deserta,
Só a lua cheia
Branqueia e clareia
As ruas da feira
Na noite entreaberta.

Só a lua alva
Branqueia e clareia
A paisagem calva
De abandono e alva
Alegria alheia.

Bêbeda branqueia
Como pela areia

Nas ruas da feira
 Na noite entreaberta.
 A lua branqueia
 Nas ruas da feira
 Deserta e incerta...

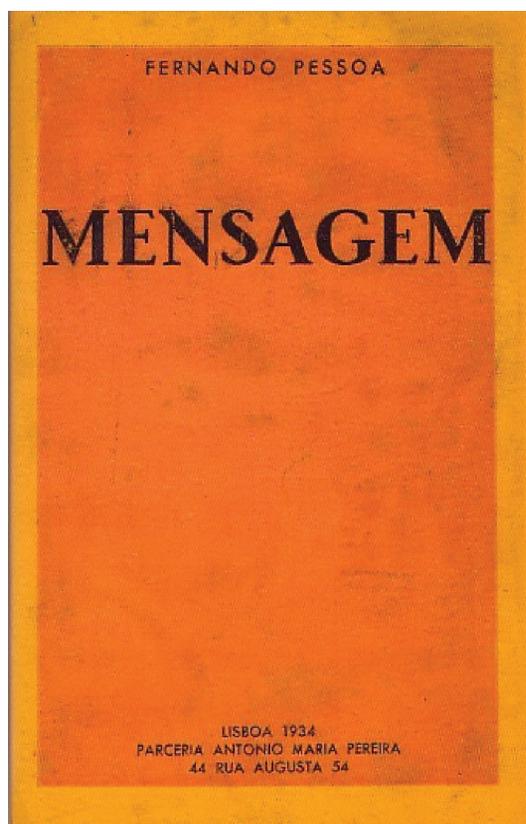
(O Eu profundo e outros Eus, p. 96-97)

Observem a leveza e musicalidade dos poemas acima citados, lembrando-nos a vida pacata de um ambiente bucólico, de um mundo eminentemente rural, em que se vêem ingênuas e singelas pastorinhas que cuidam de seus rebanhos, ou a brancura da lua que clareia as ruas das feiras no início das noites, como se o progresso das grandes cidades nem existisse. Fernando Pessoa capta o momento de tanta graça e exalta-o através de seus versos-canções, não deixando desvanecer o calor desses momentos e os costumes do povo luso.

Ressaltam-se, ainda algumas quadrinhas da obra *Quadras ao gosto popular*, que bem retratam a oralidade e singeleza de uma tradição que o poeta procura resgatar e fixar através de seus versos tão singulares:

Cantigas de portuguesas São como barcos no mar - Vão de uma alma para outra Com riscos de naufragar.	A terra é sem vida, e nada Vive mais que o coração E envolve-te a terra fria E a minha saudade não!
O moinho de café Mói grãos e faz deles pó. O pó que a minh'alma é Moeu quem me deixa só.	Se eu te pudesse dizer O que nunca te direi, Tu terias que entender Aquilo que nem eu sei.
Teu vestido porque é teu, Não é de cetim nem chita. É de sermos tu e eu E de tu seres bonita.	Vem cá dizer-me que sim. Ou vem dizer-me que não. Porque sempre vens assim P'ra ao pé do meu coração.
Tenho um segredo a dizer-te Que não te posso dizer. E com isso já te o disse Estavas farta de o saber...	Dona Rosa, Dona Rosa, De que roseira é que vem, Que não tem senão espinhos Para quem só lhe quer bem?
Dona Rosa, Dona Rosa, Quando eras inda botão Disseram-te alguma coisa De flor não ter coração?	Trazes uma cruz no peito. Não sei se é por devoção. Antes tivesses o jeito De ter lá um coração.

Outra vertente da poesia de Pessoa “ele mesmo” é a saudosista-nacionalista que tem seu ponto alto no livro *Mensagem*, ao qual já fizemos referência. O poeta, em meio aos conflitos do primeiro período da República em Portugal, identifica-se com o sentimento nacionalista que gerou o movimento da Renascença Portuguesa, colaborando com a *Revista Águia*, fruto desse movimento, que promove uma volta ao passado, recuperando a memória da formação de Portugal, o período áureo das Grandes Navegações, em que Portugal se destaca tanto pela tecnologia de fabricação de caravelas, como pelas conquistas de terras no além-mar. Traz também o mito de D. Sebastião e o sonho, sempre presente no povo luso, de formar um grande império.



Fernando Pessoa – Capa do livro *Mensagem*
(Fontes:http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mensagem_1934.jpg).

O livro *Mensagem*, fruto dessa fase, volta-se à celebração de mitos coletivos (os heróis e os grandes fatos que marcaram a história de Portugal). D. Sebastião é um dos grandes vultos aclamados pelo autor, representando a loucura exaltada pelo poeta, pois o que é notabilizado não é o Portugal real, mas o fantástico, fruto da insanidade de seus grandes heróis.

D. Sebastião, rei de Portugal

Louco, sim, louco porque quis grandeza,
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria.

(O Eu profundo e outros Eus, p. 50)

XII. PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem --ou desgraça ou ânsia--
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistaremos a Distância --
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

(O Eu profundo e outros Eus, p. 59)

Este poema, já da terceira parte do livro, a final, revela, por um lado, a tristeza, a profunda melancolia sobrevinda do fato de Portugal ainda não ter cumprido sua missão, por outro a esperança, sempre renovada de voltar a ser o que fora no passado, de se cumprir o tão anunciado prenúncio da edificação de um Quinto Império, sempre respaldado no mito sebastianista.

Outro tema recorrente na poesia ortônima de Pessoa é o processo de criação literária. Na verdade, o poema se utiliza da função metalingüística para falar do próprio exercício do poeta, ou da complexidade inerente ao

processo criativo, como no poema Autopsicografia, em que ele fala do fingimento poético: “O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.”

Em seus metapoemas, ou seja, poemas em que o autor reflete sobre o processo de criação poética, a poesia é vista como ficção, e a questão do fingimento poético é colocada por F. Pessoa de forma bastante incomum, original. Observem!

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou fnda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.
Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

(OP, p. 165)

Segundo Linhares Filho (1998, p. 29), neste poema, o autor apresenta o procedimento da mimese, ou seja, da supra-realidade, mas afasta a afluência do coração: “Eu simplesmente sinto/ Com a imaginação./ Não uso o coração”. Na segunda estrofe, ao referir-se a “outra coisa”, sugere o Ser ou o Poético. O poeta mostra-se indiferente e sua impassibilidade alcança seu apogeu na última estrofe, ao transferir ao leitor o sentimento: “Sentir? Sinta quem lê.”

Alguns poemas de Pessoa são intrincados, de difícil leitura, especialmente os que põem em questão o eu. O autor consagrou vários poemas a esse tema, alguns cheios de mistério, outros aparentemente leves e ocasionais, em que toma qualquer observação do dia-a-dia como incentivo para discutir o sentido do eu.

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma coisa existente sem viver,
Noite de vida sem amanhecer
Entre as sirtes do meu dourado assomo...

Fada maliciosa ou incerto gnomo
Fadado houvesse de não pertencer
Meu intuito gloriola como ter
A árvore do meu uso o único pomo

Fosse eu uma metáfora somente
Escrita em algum livro insubsistente
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas, doente, e, num entardecer de espadas,
Morrendo entre bandeiras desfraldadas
Na última tarde de um império em chamas.

(O Eu profundo e outros Eus, p. 88)

O poeta, em seu arrebatamento pelo sobrenatural, deseja-se como algo totalmente diferente do que existe, um ser incomum, sem origem certa, de glória falsa e vã. Metáfora de livro sem fundamento, sem razão de ser, escrito por um vate que nutre outras paixões. Mas imagina-se doente e à beira da morte, entre espadas e bandeiras de uma tarde última de um império que se finda.

CONCLUSÃO

Ao final desta aula, podemos chegar a algumas conclusões. Em primeiro lugar fica mais do que evidente a genialidade do poeta Fernando Pessoa e sua contribuição para a poesia moderna portuguesa. Em segundo, o quanto foi profícua a sua obra para o povo português, pois além de resgatar a história dos inícios de Portugal, de seus heróis e mitos que se eternizaram, como o do Rei D. Sebastião, ele reflete sobre os rumos que o país tomou e tomará no futuro elevando suas preces a Deus para que o povo luso volte a se reencontrar e realizar as tão esperadas profecias de edificação de um Quinto Império. Por último, só o fato da existência do poeta Fernando Pessoa já eleva e dignifica não apenas a terra lusa, mas todas as que têm o Português como língua oficial.

RESUMO



A aula que agora se encerra, tratou da poesia ortônima de Fernando Pessoa, ou seja, da que ele assina com seu nome próprio, uma vez que, ao longo de sua vida ele utilizou diversos heterônimos, o que veremos com maiores detalhes na aula seguinte. Sua poesia lírica, reunida nos livros *Cancioneiro* e *Quadras ao gosto popular*, mostra o quanto o autor recupera alguns temas, ritmos e estruturas tradicionais do lirismo português, tanto por meio de poemas que falam do povo, do cotidiano das cidades interioranas e do meio rural, da infância e como do “eu”, aquele eu profundo, difícil de sondar. O poeta também entra pela estética literária, tentando conceituá-la e promover uma reflexão sobre o fazer poético e o papel desempenhado pelo artista.

Outra orientação da poesia de Pessoa “ele mesmo” é a saudosista-nacionalista que tem seu ponto alto no livro *Mensagem*, no qual o poeta identifica-se com o sentimento nacionalista que gerou o movimento da Renascença Portuguesa, promovendo uma volta ao passado, reavendo a memória da formação de Portugal, o período áureo das Grandes Navegações, enfim, o espírito audacioso e bravo do povo luso. Segundo Massaud Moisés, o poeta não só assimilou o passado lírico de seu povo, como refletiu as grandes inquietações humanas do século em que viveu, em no qual a humanidade passava por uma profunda crise de valores e de cultura.

ATIVIDADES



1. No poema que segue, o autor manifesta características de qual de suas fases poéticas? Aponte-as e tente interpretar o poema em um parágrafo

A ciência, a ciência, a ciência...
Ah, como tudo é nulo e vão!
A pobreza da inteligência
Ante a riqueza da emoção!
Aquela mulher que trabalha
Como uma santa em sacrifício,
Com quanto esforço dado ralha!
Contra o pensar, que é o meu vício!
A ciência! Como é pobre e nada!
Rico é o que alma dá e tem.
[...]
Fernando Pessoa, 4-10-1934

2. Procure ler o livro *Mensagem* e responda às questões aqui propostas:

a) A que fase poética é possível encaixá-lo? Por quê?

b) Fernando Pessoa considera o livro Mensagem como um único poema, embora tenha diversas poesias. A seu ver por que ele o percebe dessa forma? A que tipo de gênero é possível filiá-lo: ao lírico, épico ou dramático? Procure explicar a estrutura da obra e o seu significado para Portugal.

3. Você entendeu o que é um metapoema? Procure com suas palavras explicá-lo, e estabeleça uma correlação entre os poemas Autopsicografia e Isto.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Releia a lição atual e reveja as fases poéticas de Fernando Pessoa, ele mesmo.
2. A leitura da obra é fundamental para resolver essa questão. Procure também recordar a história de Portugal e relacioná-la ao poema.
3. Procure rever a função metalinguística da linguagem e associá-la aos poemas. Não deixe de recorrer ao dicionário ao ler os poemas.

PRÓXIMA AULA

Na aula que segue, estudaremos, com maiores detalhes, os heterônimos de Fernando Pessoa, sobretudo aqueles que mais se destacaram: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.



AUTO-AVALIAÇÃO

Após a leitura dessa aula, sou capaz de entender a importância de Fernando Pessoa para o Modernismo Português? Reconheço as características e fases da poesia ortônima do autor? Tornou-se claro para mim a diferença entre ortônimo e heterônimo? Entendi por que a poesia de sua primeira fase é saudosista-nacionalista? Sou capaz de explicar por que a poesia de sua segunda fase é lírica e quais os temas que mais explora?



REFERÊNCIAS

- LISBOA, EUGÊNIO. **Poesia portuguesa**: do "Orpheu" ao neo-realismo, Lisboa, Bertrand, 1980.
- LOURENÇO, EDUARDO. **Poesia e metafísica**, Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- LINHARES FILHO. **A modernidade em Fernando Pessoa**. Fortaleza: EUFC, 1988.
- MASSAUD, Moisés. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- _____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- NICOLA, José de. **Literatura portuguesa**. Das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2000.
- PESSOA, FERNANDO. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1969.
- _____. **Antologia poética**. Introdução e seleção de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.
- _____. **Antologia de estética**, teoria e crítica literária. Coordenação e introdução Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.
- _____. **O Eu profundo e outros Eus** (Seleção Poética) Seleção e nota editorial de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- RODRIGUES MEDINA et al. **Literatura Portuguesa**. S. Paulo: Ática